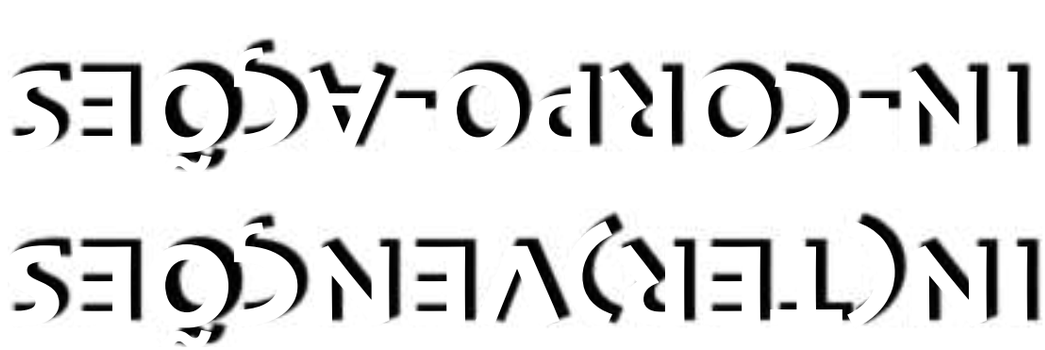


IN-CORPO-ACÕES

IN(TERVENÇÕES

IN(TER)VENÇÕES
IN-CORPO-AÇÕES

Florianópolis, SC
2023

Alef Vendramim
Ângela Carvalhaes Ferrari
Aretha Rodrigues
Christian Cambruzzi da Silva
Guilherme Costa
Indiara Pinto Brezolin
Javiera Gaete
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima
Ruth Kipper Aguilar

[Com as aparições de] **Rafael Campos**

[Organizado por] **Rodrigo Gonçalves**

IN(TER)VENÇÕES
IN-CORPO-AÇÕES

Rodrigo Gonçalves

O início da segunda década dos anos 2000 foi um grande desafio na árdua tarefa de existir. Talvez nossos corpos ainda demorarão para assimilar os danos causados pela conjuntura política, social e cultural que enfatizaram de maneira brutal todas nossas diferenças. E quando reflito sobre esse lapso temporal no qual parece que nos afastamos de uma humanidade mais sensível, retorna-me a pergunta "o que pode o corpo?".

Confesso que ainda não encontro uma resposta exata, ou melhor dizendo, precisa, para essa questão. Na realidade mais indagações me surgem. Todas essas giram em torno de um corpo protagonista e potente em ações das mais variadas, sobretudo na cidade. Um corpo que sugere e contesta espacialidades pacificadas e hegemônicas. O que pode, então, um corpo ao se deparar com uma possibilidade de enfrentar uma cidade sitiada por discursos e práticas hegemônicas que estigmatizam formas híbridas de existências?

Talvez aí resida a potência de investigar por meio do corpo o dissenso sugerido por Jacques Rancière. Partindo de uma noção de que o corpo também é método, podemos nos lançar nesse salto incerto de experienciar corporalmente desconfortos urbanos contidos no cotidiano. Indagar projetos urbanos de "revitalização" e "requalificação" que teimam apartar um corpo destoante de ideologias estéticas, políticas e culturais.

Após quase três anos de encontros remotos virtuais devido à pandemia do coronavirus, no retorno das atividades presencias junto à disciplina de "In(ter)venções urbanas: a arte e arquitetura como construtoras de dissensos", o grupo trouxe a demanda de experimentar os limites de uma re-ocupação centrada na presença dissonante em meio a retomada dos espaços públicos após a permissão de eventos e aglomerações. Que cidade era essa agora ao nos reaproximarmos de práticas cotidianas paralisadas desde então e agravadas pelo enorme abismo da polarização política, ascensão do fascismo, e um extermínio declarado das diferenças?

Estudamos nos encontros semanais da disciplina ministrada junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC) a potência das ações artísticas efêmeras junto aos espaços da cidade. Focadas/os na presença do corpo e a sua capacidade de ser suporte da expressão artística fomos desconstruindo uma noção de funcionalidade do corpo e da arte, aprofundando um mergulho em apneia em um oceano de possibilidades as quais quase sempre situavam sutilezas dos corpos marcados, cansados, prenhes de desejos a serem espacializados.

Esta publicação pinça aquilo que pôde ser capturado por lentes de celulares e câmeras fotográficas. Também traz textos das/os autoras/es acerca de suas ações. Sempre pairou no ar a dúvida de como trazer aos olhos de quem não estava lá no momento das ações o que experienciamos, uma vez que primávamos pelo encontro e por uma prática relacional nos moldes de Nicolas Bourriaud. Compreendemos o risco e assumo, nessa tentativa de organizar as ações calcadas numa presença, uma outra presença: a daquele/a que lê e observa num outro lapso temporal o que fizemos num longínquo fim de 2022. O tempo também é uma dimensão a qual nossos corpos teimam em negligenciar e quem sabe provocando deslocamentos de uma presença de quem curiosamente quer saber o que foi feito, podemos ir nos acostumando em incorporar essa (nova) dimensão aceitando-a como necessária para vitalizar nossas marcas sem precisar arrancá-las ferozmente das páginas urbanas de um Brasil (ainda tão) surreal.

IN(TER)VENÇÕES IN-CORPO-AÇÕES é, antes de tudo, uma publicação situacional. Procuramos trazer maneiras de estudar a cidade com o corpo, incorporar conceitos e vivenciá-los antes de nos esvaziarmos em teorias descorporificadas. O compromisso aqui, ou poderíamos dizer o convite aqui, é partilhar o sensível, tentar materializar na medida do possível os afetos de um grupo de pesquisadoras/es irrequietas/os que se lançaram em arte, corpo e presença na arena pública de discussões acerca da cidade.

p.08 **Alef Vendramim**
Bandeiras

p.14 **Guilherme Costa**
Marcado na pele

p.20 **Ruth Kipper Aguilar**
O que sobrou foi apenas o vestígio de uma gestualidade feroz

p.26 **Christian Cambruzzi da Silva**
Indiara Pinto Brezolin
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima
Realidade distorcida

p.36 **Javiera Gaete**
Fotos de graça

p.44 **Ângela Carvalhaes Ferrari**
Lápis & Borracha

p.52 **Aretha Rodrigues**
E se essa casa fosse minha?

p.56 **Rafael Campos**
Tuca Malungo: Aparições de Tigre

Alef Vendramim

Bandeiras

Performance no centro leste de Florianópolis , 2022

ESTACIONAMENTO ROTATIVO

SISTEMA ELETRÔNICO
OBRIGATÓRIO AQUISIÇÃO DE CRÉDITO
Segunda à Sexta: das 8:00 às 18:00 h
Sábado: 08:00h às 12:00

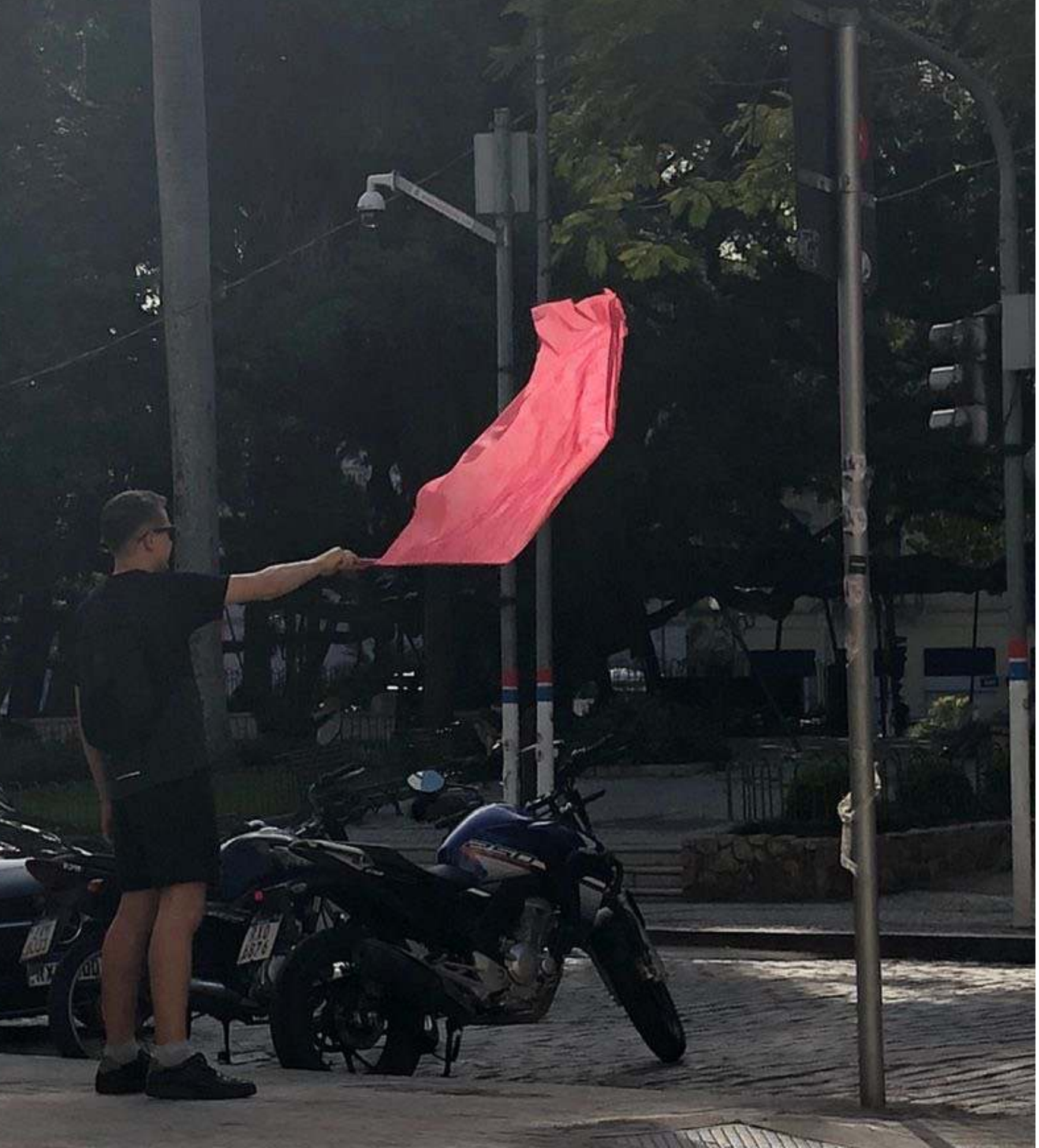
Carga e Descarga
Somente Veículos de Carga
Máximo 30 minutos
Pisca Alerta Ligado

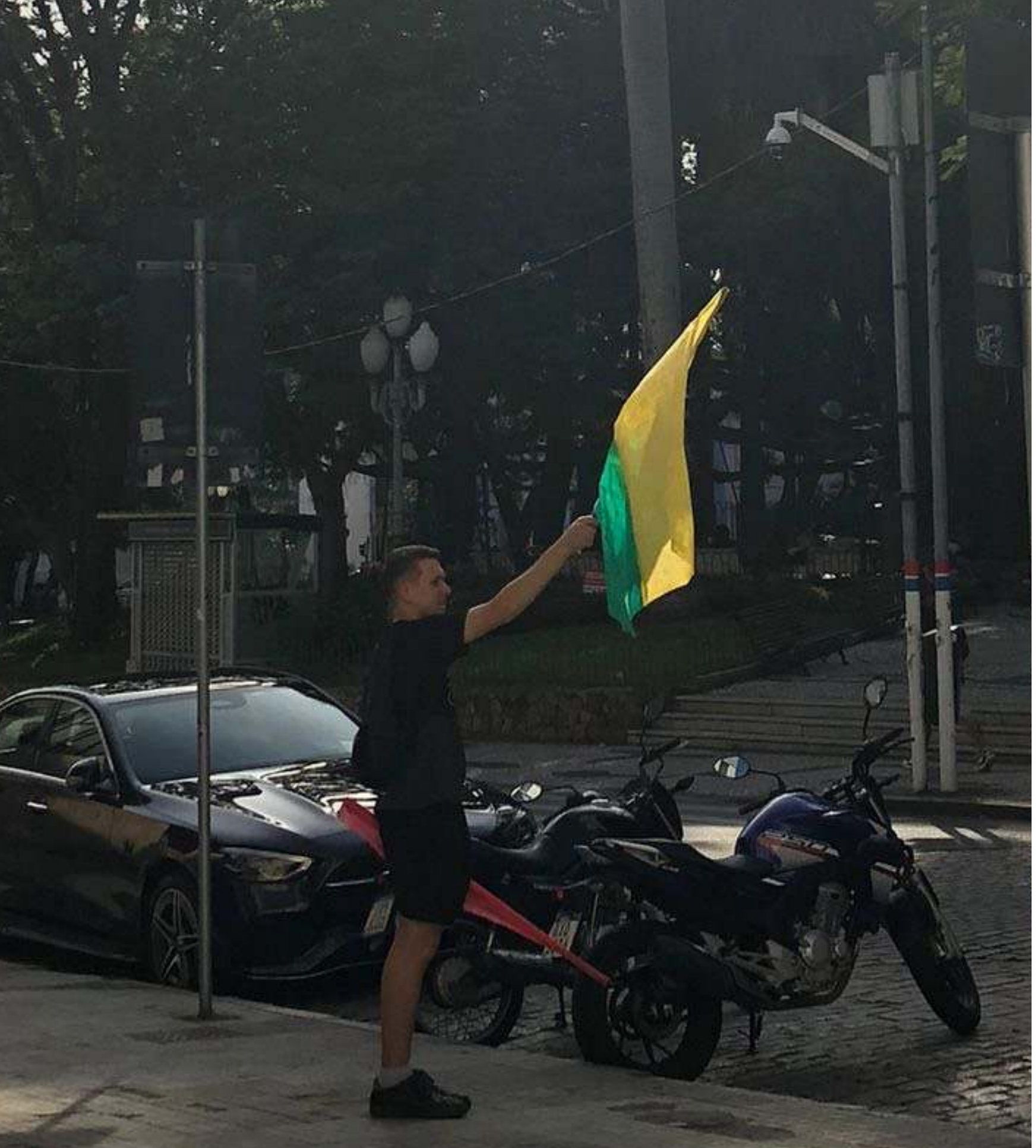
Kallas

Alef Vendramim propõe uma intervenção baseada em uma conexão entre arte e política.

Procura produzir uma ruptura, quebrar expectativa e pontuar o clichê a partir do uso de símbolos que mexem tanto com nossos afetos: as bandeiras as quais representam a polarização política, vindo à tona principalmente no contexto das eleições de 2022.

A ideia foi usar duas bandeiras, uma vermelha e outra amarela e verde, e balançá-las individualmente e por fim juntas, de forma a tentar registrar com fotos como esses símbolos afetam de forma diferente vários tipos de pessoas.







Guilherme Costa

Marcado na pele

Performance no centro leste de Florianópolis , 2022


O motorista
do ônibus
PRA QUANDO estou
SOZINHO NO

Guilherme Costa se posta como uma tela, onde as pessoas depositam os preconceitos sofridos, numa interação íntima com o outro, que as vezes liberta ou reabre feridas. Uma simples palavra que fere e deixa uma marca permanente para quem recebeu o ódio gratuito do outro.

O resultado alcançado não foi um depósito de sofrimentos, mas uma interação com o usuário, em forma de compartilhamento, que pôde ser observado o quanto é doloroso tocar em algumas feridas, ou mesmo, o quanto o preconceito se faz presente de forma socialmente aceitável, onde algumas pessoas têm em mente, que nunca sofreram preconceitos significativos para deixá-los marcados na pele do artista.

Você já sofreu algum

PRECONCEITO?

Livre-se dele aqui e seja

FELIZ



RACISMO

Tenho cara de Bolsominion

"Só me faltava ter um filho viado!"

O motorista do ônibus não PARA QUANDO estou SOZINHO NO ponto

VIADO NÃO VAI LONGE!

OU É POBRE OU MORRE DE AIDS.

HOMOFOBIA

Ruth Kipper Aguilar

O que sobrou foi apenas o vestígio de uma gestualidade feroz

Lambes colados (e arrancados ferozmente) no centro leste de Florianópolis, 2022


MYSELF

Não era a minha intenção, tampouco minha intervenção, mas foi assim, por acaso, que passou a ser. Uma intervenção coletiva ou, talvez, uma dança que se realiza em atos, alguém cola, outro rasga e outrem registra. Assim, sem coreografia prévia, os corpos dançam, se movimentam seguindo seus próprios ritmos, seus próprios desejos, seus pulsos e impulsos. É na aleatoriedade que nos encontramos, anônimos ou não, nós que possibilitamos, capturamos e impossibilitamos juntos, nós que fomos constituintes da intervenção que foi muito além de um cartaz colado no centro da cidade.

O que estava impresso naquele lambe-lambe era um desafogo, um grito que há muito tempo estava engasgado, sufocado e me sufocando. Foi um desejo que surgiu de um impulso, da necessidade de compartilhar esse algo que habitava em mim. O propósito do meu lambe-lambe era compartilhar um sentimento, algo que eu podia sentir em mim de forma quase palpável

Não me importei tanto com a forma, as cores e os detalhes. Não pretendia nada com aquele lambe, nada além de transbordar, extravasar algo que havia (e ainda há) em mim. Desse modo, não me deterei aos detalhes de sua criação, pois para tal reflexão não há relevância saber como se originou, como foi confeccionado. Nessas poucas palavras tratarei da sua significação em mim.

Apesar de não ser a primeira, segunda ou terceira vez que saio as ruas para colar cartazes há, a cada repetição, a diferença. Ao mesmo tempo que há sentimentos de opressão, de estar sendo observada, julgada, da sensação das mãos estarem suadas e frias, o medo de que algo aconteça, há, também, a satisfação e a adrenalina que emerge em meio aos receios e as neuroses. Dessa vez não foi diferente, embora tenha sua particularidade, desta vez havia espectadores ou espectadores participantes. Foi uma outra experiência.

Ao colar o lambe não espero nada, sincronicamente, espero algo. Tive necessidade, bastante narcisista até eu diria, de rever a minha própria ação, aquele cartaz que havia sido colado minutos antes. E nada mais havia, quer dizer, o que sobrou foi apenas o vestígio de uma gestualidade feroz. Um mero cartaz é, sem dúvida, capaz de afetar corpos, impulsionar movimentos, é capaz de provocar algum outro ao ponto deste agir no sentido contrário, na tentativa de desfazer o que foi feito. O lambe também é disputa. E foi assim, por acaso, que a reação à minha ação teve uma nova reação em mim. Confesso, não esperava não encontrar nada além de vestígios nesse curto espaço de tempo. Não assim, não naquele lugar, não entre aquelas pessoas que pareciam tanto "a minha gente". Emergiram sentimentos, algumas dores, olhei para os lados procurando alguém que pudesse estar me observando. Logo saí e de lá parti.

Ao passar dos dias, esqueci. No entanto, ao abrir aquelas mensagens que aguardavam ser visualizadas, me deparei com os registros de novos vestígios. Outros corpos afetados, atuantes e participantes, se movimentaram fazendo o contrapeso do contrassenso. Nem eu, nem o outro, quem capturou o movimento foi um outro alguém.

Um terceiro que não apenas acompanhou, mas participou, que fez o registro dos vestígios. Sem os quais nada haveria, pois quando os busquei só achei o vazio.






PARA
FASCISTA
GOLPISTA
NÃO
TE
AN
TI

Christian Cambruzzi da Silva
Indiara Pinto Brezolin
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima

Realidade distorcida

Performance no centro leste de Florianópolis , 2022



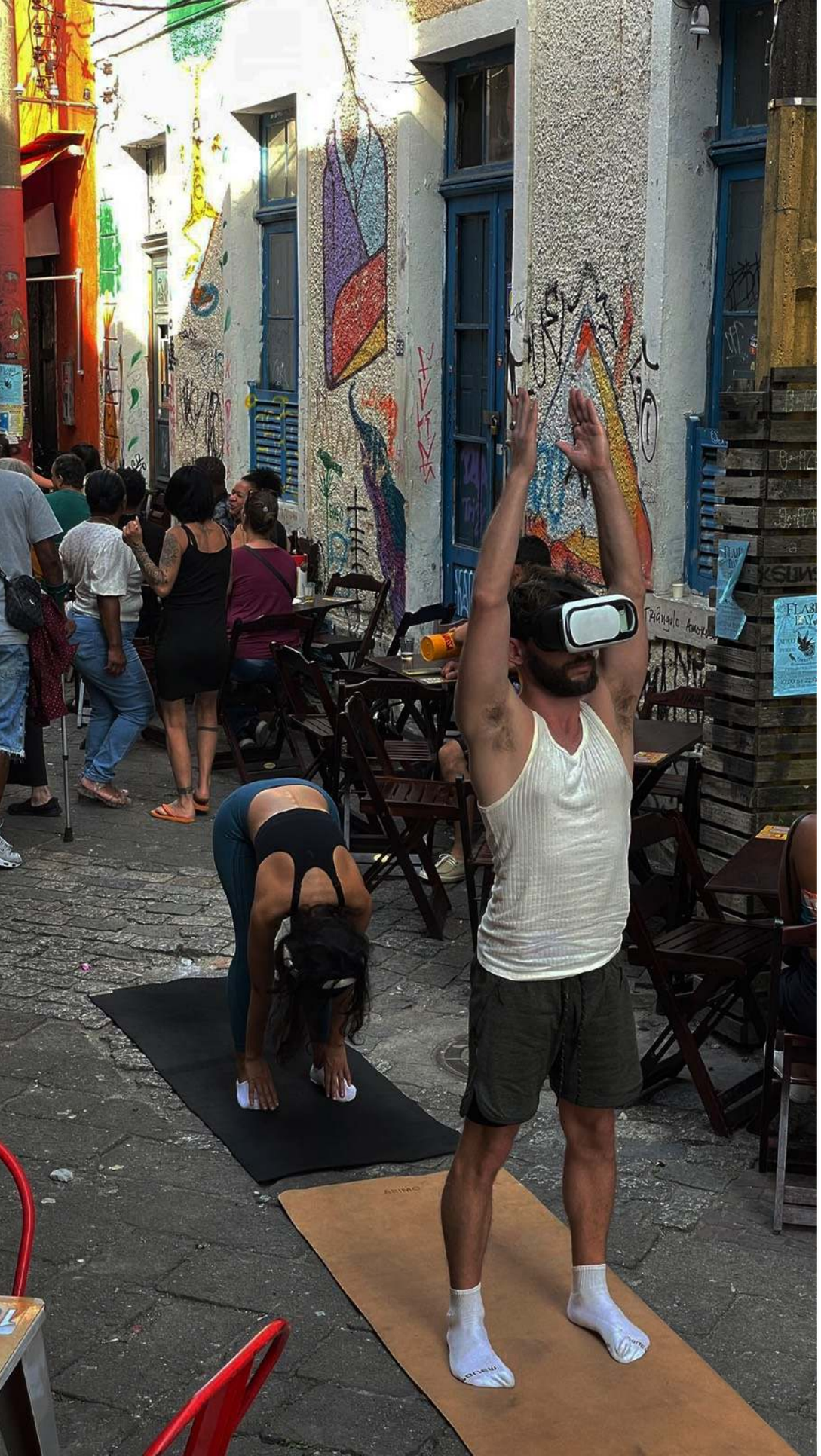
Christian, Indiara e Jéssica exploram, por meio da performance, questões relacionadas ao uso da tecnologia e à prática do Yoga. Assim, em meio ao ambiente festivo das ruas do centro leste de Florianópolis, estendem os tapetes e começam a prática de yoga, sendo cada um dotado de um objeto eletrônico, um celular, um headphone e um óculos de realidade virtual (RV). A performance se caracteriza, principalmente, pelas condições existenciais de tecnicidade, corporeidade e condições dimensionais. A condição de tecnicidade diz respeito às ferramentas, instrumentos e tecnologias que gerenciam outras condições, como a sociabilidade, corporeidade e espaço-temporal. A performance busca assim distorcer o tempo e o espaço por meio das tecnologias dos dispositivos móveis e da prática do yoga.

O uso dos dispositivos móveis são forças poéticas para a produção de novas percepções do espaço. Por vezes, aumentam, complementam e enriquecem a realidade física. Contudo, é comum que os mesmos motores poéticos produzem realidade distantes das questões sociais, culturais e psicológicas do espaço real que habitam. Alteram, diminuem, distorcem a realidade. Um óculos que não se abre para o mundo da realidade física. Interfaces tecnológicas que mediam os sentidos, ignoram os ruídos, as falas, a visão do espaço real. Reduz-se a percepção do mundo físico. Uma crítica a aspectos humanos que podem ser ocultado pelo mal uso das tecnologias. Técnicas que disciplinam e domesticam o corpo. Traz-se à tona a crise pelo fascínio das novas mídias.




FLASH
DAY


Triângulo Amoroso
FLASH DAY
TATTOO









Javiera Gaete

Fotos de graça

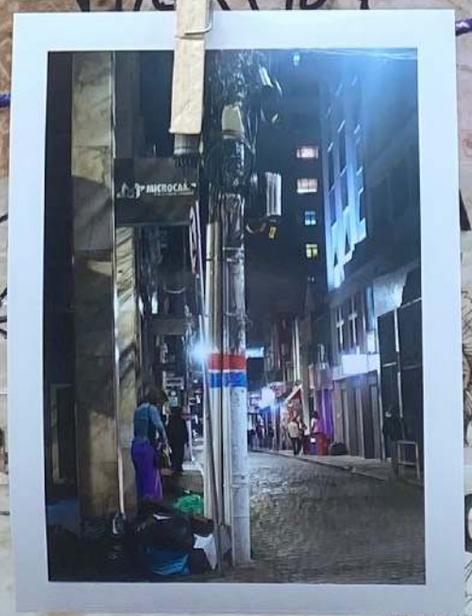
Exposição de fotografias e performance no centro leste de Florianópolis , 2022

Mari Souza
5055

MARCO TEMPORAL

FOTOS DE GRAÇA





MARCO TEMPORAL NÃO!

Nesta intervenção urbana, Javiera Gaete apresenta uma exposição de 20 fotografias digitais em cor dispostas no espaço público da cidade de Florianópolis, Brasil. As fotografias foram impressas em papel fotográfico de uma dimensão de 20 x 15 cm, expostas e penduradas na rua Vitor Meireles no centro da cidade. A narrativa fotográfica baseou-se na construção de vínculos entre o bairro a partir de um estudo feito em diferentes horas do dia com fim de observar os contrastes entre o que acontece no dia e na noite, um tecido no qual se entrelaçam diferentes texturas e temporalidades.

O ensaio fotográfico teve como foco a interação entre o público que passa pela cidade e a exposição, ao mesmo tempo as pessoas que transitavam pelo espaço público tiveram a possibilidade de escolher uma fotografia e levá-la de graça gerando um momento de encontro e exploração. Deste modo a intervenção não se dá apenas na exposição, mas se complexifica no momento da escolha da fotografia, ganhando outro significado, gerando uma participação das pessoas, transformando-as em protagonistas da intervenção. Observou-se que a intervenção instaura um momento reflexivo para o pensar e experimentar a cidade, sugerindo novas situações urbanas.


64% DOS BRASILEIROS
MANTENHA A AMAZÔNIA EM PÉ
PRA TERRA GIRAR
Chico Mendes VIVE
SEU PRIMEIRO VOTO Verde
DEMARCAÇÃO JÁ!
MARCO TEMPORAL NÃO!
DEMARCAÇÃO JÁ!
MARCO TEMPORAL NÃO!
DEMARCAÇÃO JÁ!
MARCO TEMPORAL NÃO!
DEMARCAÇÃO JÁ!


64% DOS BRAGUEIROS
MANTER A AMAZÔNIA PRA TERRA
Chico Mendes VIVE
SE LIGA NO PRIMEIRO VOTO Verde
19/OUTUBRO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
Mari Souza 5055
Classificados
DEMARCAÇÃO JÁ!
MARCO TEMPORAL NÃO
DEMARCAÇÃO JÁ!
MARCO TEMPORAL NÃO
MARCO TEMP

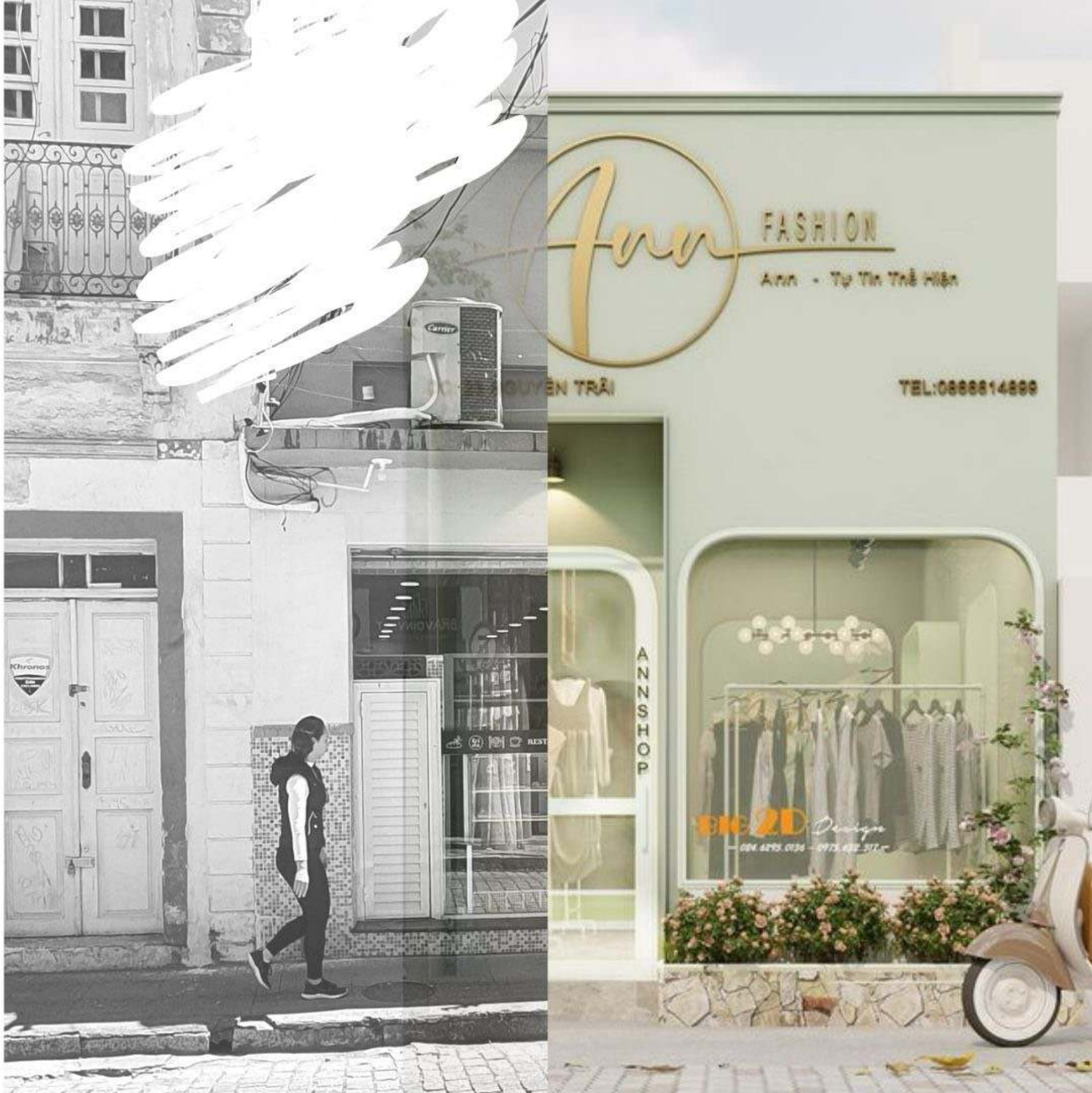

pudiar o nome "Florianópolis"?
Participe do Movimento
Cem Anos de Humilhação
AMAZÔNIA
PRIMEIRO
Voto
Verde
Chico Mendes
KEREU
5001


FOTOS DE GRAÇA

Ângela Carvalhaes Ferrari

Lápis & Borracha

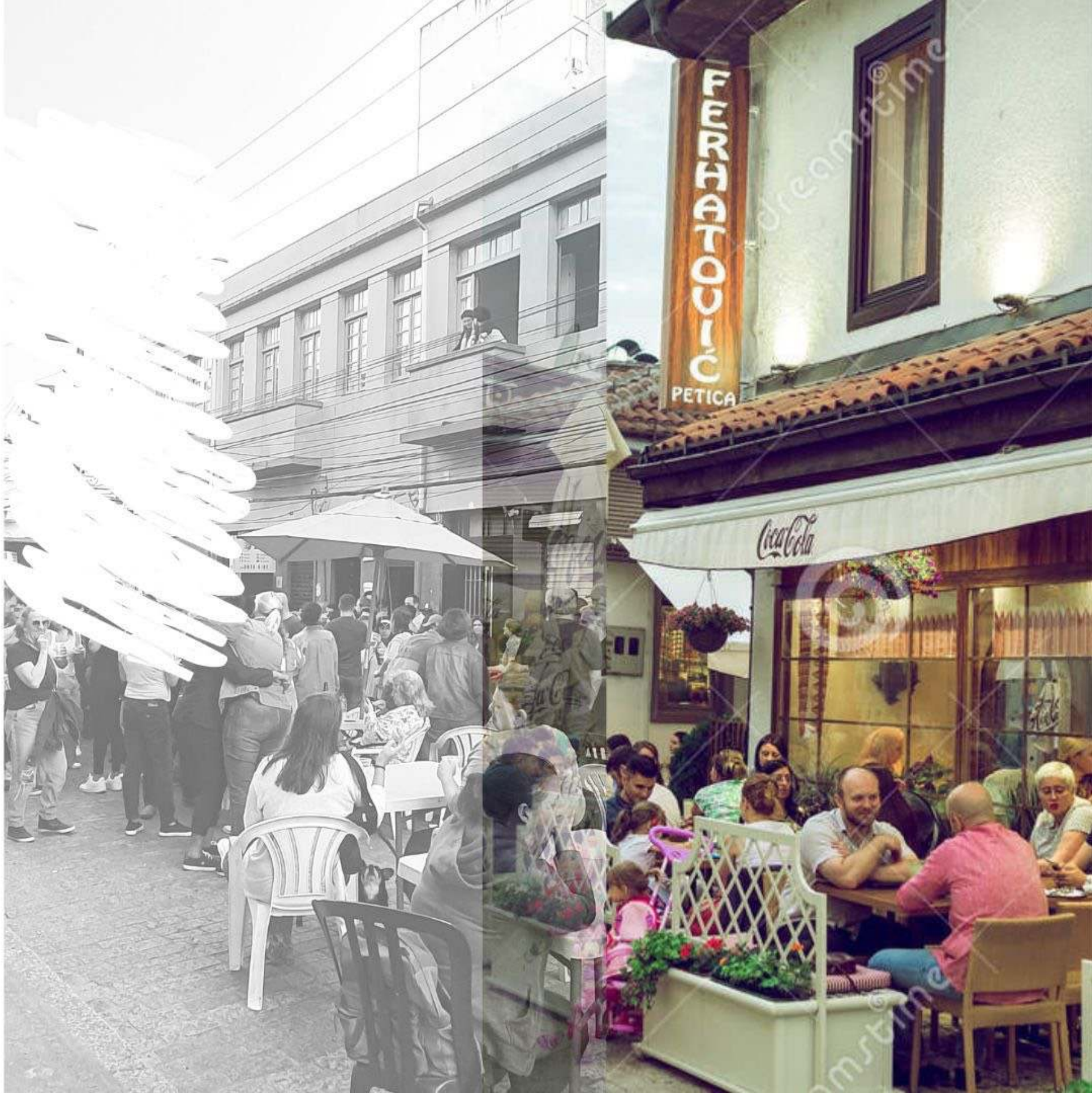
Fotomontagens e performance-panfletagem no centro leste de Florianópolis , 2022


Carrier
Khronos
FASHION
Ann - Tự Tin Trẻ Hiện
TEL:0888814888
ANNSHOP

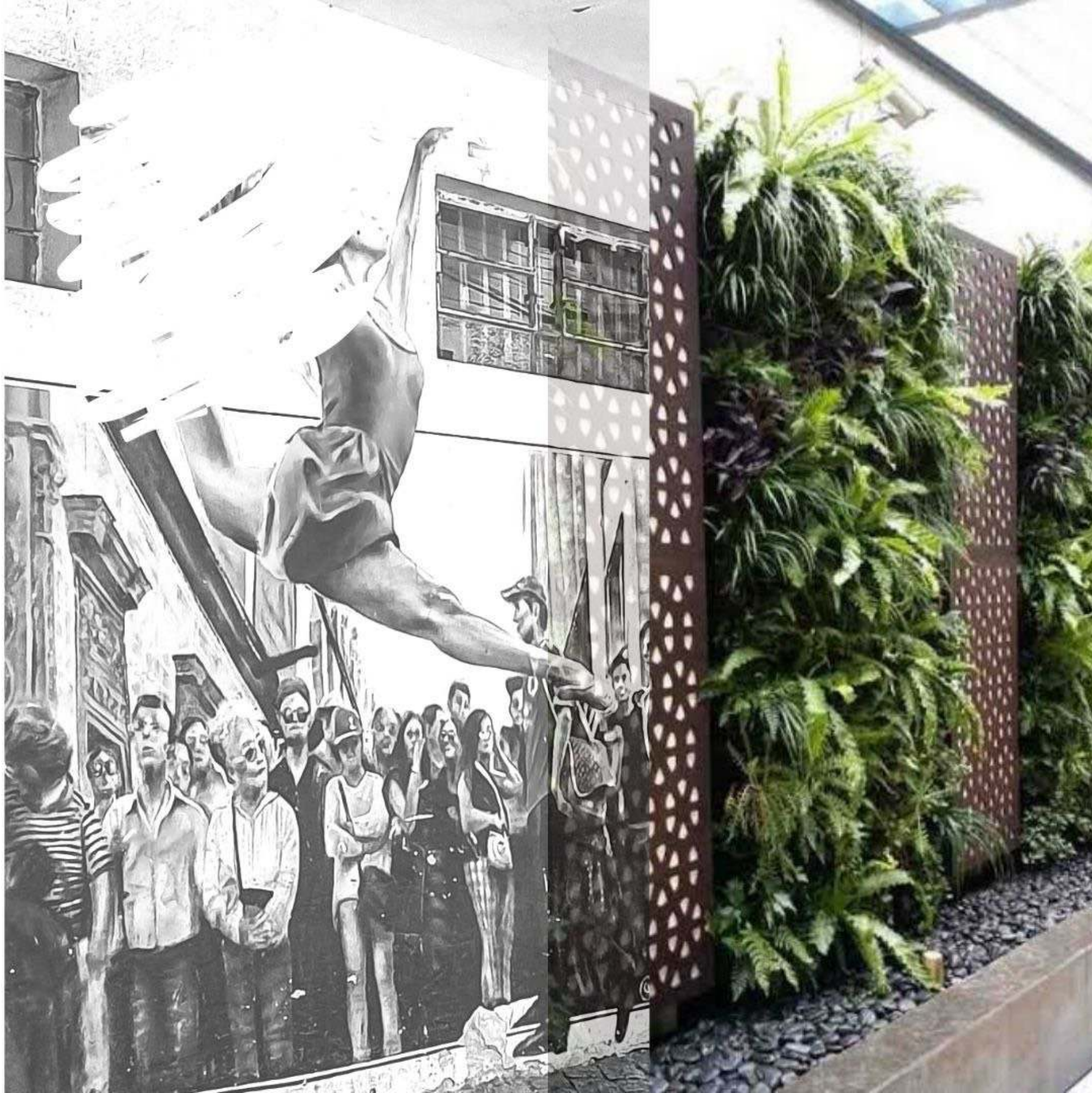
Lápis & Borracha é uma intervenção que foca o centro leste de Florianópolis com um olhar para a derrubada da identidade cultural e arquitetônica do bairro, ameaçada pela homogeneização da arquitetura contemporânea. Com a falta de códigos comuns e intolerância ao dessemelhante estamos vivenciando uma batalha entre cultura e contracultura e assim, presenciamos tentativas invasoras de reapropriação dos espaços públicos, considerados "abandonados".

Partindo da frase, "um lápis para desenhar o futuro, uma borracha para apagar o passado" a intervenção ganhou projeção nas redes sociais e, em uma performance/panfletagem, foram distribuídos cards com a frase do conceito, hashtags e um código QR que dava acesso às postagens da rede social.


GUCCI
GUCCI


FERATOVIĆ
PETICA
Coca-Cola


IVETE
SEBOS
ZARA



Aretha Rodrigues

E se essa casa fosse minha?

Performance no centro leste de Florianópolis , 2022




ESTOU
À VENDA
3223 4555
brognoli.com.br


ESTOU
À VENDA











Era eu no espaço que considero meu, mas que não e nunca me pertenceu. Ao mesmo tempo que rompi com um não pertencimento, o pertencimento em si existe. E aqui considerei como resultado final da afetação. O dissenso em mim. Esta casa não é minha casa.

A performance de ocupar o espaço com um cotidiano particular meu, com a área de estar da minha casa, com objetos como tapete e toalha de mesa, vaso de flores e uma xícara de chá, me fez observar o cotidiano da cidade, o movimentos dos automóveis e o percorrer das pessoas em direção ao seus pontos finais. Às vezes algumas pessoas se convidavam para entrar nesse cotidiano querendo compartilhar o chá, a cadeira, o momento de só estar. Até o entregador de alimentos por um breve momento parou e pensou que o almoço entregue era para a minha casa. Para aquela casa que estava sendo ocupada do lado de fora.

Os atravessamentos propostos e dispostos fizeram surgir muitas outras questões pessoais que não podem ou não entram na proposta geral, mas que formalizam o caráter e o compromisso com a pesquisa desenvolvida. Menciono aqui um processo atual em curso de engessamento das áreas centrais urbanas que não conseguem mais acompanhar as novas necessidades habitacionais, que procuram atuar em outras localidades da cidade, empurrando os investimentos públicos e privados para novas localidades, acelerando o processo de oferta de novas edificações em novas centralidades. O efeito disso é a dispersão da população residente e a degradação do patrimônio histórico e a mudança no perfil dos usuários decorrente de um processo especulativo. Mas há corpos que já estão ali. Há usuários que estão vivendo ativamente neste espaço e nosso olhar deve se voltar a eles. Como condicionar o espaço a eles? Os espaços já estão condicionados a eles? O que devemos fazer de diferente enquanto arquitetos para reconhecer os verdadeiros sobreviventes desta degradação programada do espaço histórico?

O ato de resistência dessa população é permanecer. E o ato de preservar também é um ato de resistência. A arquitetura fala, o prédio é testemunha dos acontecimentos, é testemunha do tempo, da história e um novo valor patrimonial empregado nos edifícios tombados e na cidade histórica é a sua dimensão social. Os dissensos presentes na intervenção reverberaram em mim, nos atores sociais e nos usuários da cidade, como também na cidade em si. A partir do afeto [sentimento terno] com o espaço e a afetação [incômodo] enquanto desejo de exploração do que se pensou já explorado, deu suporte para o desenvolvimento da atividade de envolvimento com o espaço.

Como estudo de um corpo no espaço, houve lacunas desse processo que poderiam ser exploradas, que fazem parte de um processo de amadurecimento da observação do espaço urbano central. Poderia ter explorado outras formas de estar presente e até se inteirar das realidades de cotidianos que de fato vivem ali. Os limitantes dessa performance foi o desconhecimento com um centro que eu imaginei que conhecia. Foi o medo de adentrar um lugar que eu imaginei que já tinha entrado e saído várias vezes, mas no meu conforto, de pijamas e pantufas me senti vulnerável para entrar. E ao perceber minha vulnerabilidade no espaço, as lentes para um novo espaço desconhecido se abriram.

A busca da arte como denúncia de um estado de abandono das casas do centro histórico produzem ecos dentro do meu ser enquanto humano e ecos dentro da cidade enquanto estrutura física.

A história e a memória urbana local também são movimento. O compromisso que ficou em mim é que esta também é minha casa.



















Aparições

Lhola Amira é a presença que divide o mesmo corpo de Khanyisile Mbongwa, curadora sul-africana que defende que as produções de artistas, no contexto ancestral africano, não separam vida e arte. Não se tratam de objetos ou artefatos, mas consistem em rememorar a vida e produzir políticas de existências, através do ancestral presentificado no corpo físico.

Artistas negras/os criam estratégias de livramento frente ao incômodo colonial e são guiados por energias ancestrais que precisam ser externalizadas para ficar em harmonia com o corpo ancestral violentado.

Ela elaborou o conceito prática decolonial chamado Aparições [appearances], que problematiza a performance art, no contexto das artes visuais. *

*O conceito "aparição" vem sendo estudado por Rafael Campos em sua pesquisa de doutorado e pode ser melhor apreendido em: CARIDADE, Wallef. Dias.APARIÇÕES E HOMENS NEGROS: masculinidades, racismo e a construção por meio do simbólico [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília - UNB, Brasília. 2021.

Rafael Campos

Tuca Malungo: Aparições de Tigre

Performance no centro leste de Florianópolis , 2021-2022

Tuca Malungo

Tuca é uma entidade de gênero indefinido, que habitava o entorno do Rio da Bulha e que compartilha o corpo de Rafael, é um(a) tigre ancestral que se manifesta em aparições que, por meio da força vital dos afetos, buscam encontrar outros corpos machucados e refletir sobre o trauma colonial racial que aflige corpos e territórios.

As subjetividades se conectaram quando ambos os corpos foram marcados pelo Rio da Bulha, no mesmo espaço, porém em tempos diferentes. Junto das margens do rio ambos constituíram memórias afetivas e também sentiram na pele a violência de expulsão causada pelo poder hegêmonico, aliado a branquitude.

A primeira aparição ocorreu em dezembro de 2020, em Florianópolis (Brasil), quando o arquiteto pesquisador realizou uma errância sobre o rio como performance. Buscava encontrar e evidenciar as marcas de africanidade na cidade e a presença dos tigres e lavadeiras ancestrais que povoaram aquele território negro invisibilizado.

Desde então, a entidade é evocada através de aparições físicas, mas também, exposições fotográficas, video performance, corpografias do territórios, palestras, etc. Ao corporificar o tigre encontrou a si mesmo e junto das margens do rio escutou Oxum sussurrar em seus ouvidos "Tuca Malungo".

O Rio da Bulha

O rio ganhou este nome devido ao continuo depósito de esgoto, a toponimia rememora a existência das bulhas dos tigres que utilizavam suas margens para o trabalho e moradia. Um território em disputa desde o início do séc. XIX, quando obras higienistas promoveram a retificação, invisibilização do córrego e a expulsão dos moradores, abrindo espaço para a especulação imobiliária.

Atualmente, estão realizando obras de retirada dos paralelepípedos das ruas do centro histórico, criminalizam as manifestações identitárias da população negra, como o funk carioca, agridem os usuários em ações policiais. São práticas aliadas a processos de espetacularização urbana que buscam invisibilizar a diversidade do local.

Assim como o rio, a população negra é historicamente violentada também pelas narrativas sobre a colonização da cidade, que exalta a ancestralidade açoriana e invisibiliza a presença de outras etnias neste processo.

Os Tigres

Eram os escravizados que transportavam sobre a suas cabeças as bulhas carregadas de excrementos e águas servidas. O líquido ácido que, muitas vezes, transbordava queimava suas peles, marcando seus corpos com listras que os fizeram ficar conhecidos por esta alcunha. Dentro do sistema de trabalho forçado do escravismo criminoso, esta era a pior função a ser realizada.

1ª Aparição: Caminhando com(o) Tigres sobre o Rio Invisível

Tratou-se de uma errância urbana sobre as águas do Rio da Bulha desde a foz (Av. Hercílio Luz) até a nascente (Praça do Monte Serrat). O rio marca o corpo de Rafael Campos, pois sentiu na pele a violência de ações policiais que expulsaram a população com bombas de efeito moral e gás de pimenta, prática resultante de processos contemporâneos de higienismo social e espetacularização urbana. Além do trauma, ele também possui marcas de afeto pelo rio, pois ali conheceu seu marido, desfilou na comissão de frente no carnaval e realizou o sonho de ser professor no instituto federal (IFSC). Tuca Malungo atravessou a cidade buscando e oferecendo afeto e resistência à população negra e ao rio invisível, como estratégia micropolítica de reflexão e cura do trauma colonial do corpo e do território negro.


Espalhe
AMOR
Por Onde
Você for


Espalhe
AMOR
Por Onde
Você for

2ª Aparição: O Tigre e o Rio (in)visível: um manifesto de afeto

A segunda Aparição aconteceu no contexto da "Exposição-festival Cidades Pós-Pandemia: colocar no horizonte um obra em comum", no Museu Escola Catarinense (MESC), entre abril e maio de 2022, em Florianópolis. A primeira parte da obra foi a exposição das fotos e do quadro no museu, a segunda parte foi a aparição de Tuca Malungo, que convidou os participantes a fazer um percurso desde a nascente do rio (praça do Monte Serrat) até a foz (Passarela Nego Querido) encerrando o trajeto no MESC.

A intenção era evidenciar a existência do rio e da negritude através da partilha com os presentes de afetos sobre o território das lavadeiras, as memórias e as vivências levantadas durante um ano de pesquisa junto da comunidade do Morro da Caixa/Monte Serrat, assim como, levar a arte para a comunidade como devolutiva social.

A comunidade que se autointitula como um quilombo urbano, é famosa pela organização popular e luta antirracista, porém seu território é demonizado pelo imaginário popular. São muros invisíveis que afastam a população em geral, devido às narrativas racistas de criminalização e perigo relacionados ao bairro negro.

Durante o caminhar os participantes afetaram e foram afetados pelo entorno, foi possível conversar com moradores que dividiram seus amores e dores de serem quem são e as marcas que o território deixaram em suas subjetividades. Conheceram lugares importantes para a história da cidade que estão invisibilizadas pelo discurso hegemônico, além de perceber os atravessamentos étnico raciais atrelados as diversas disputas do passado e do pressente pelo controle dos copos/territórios.

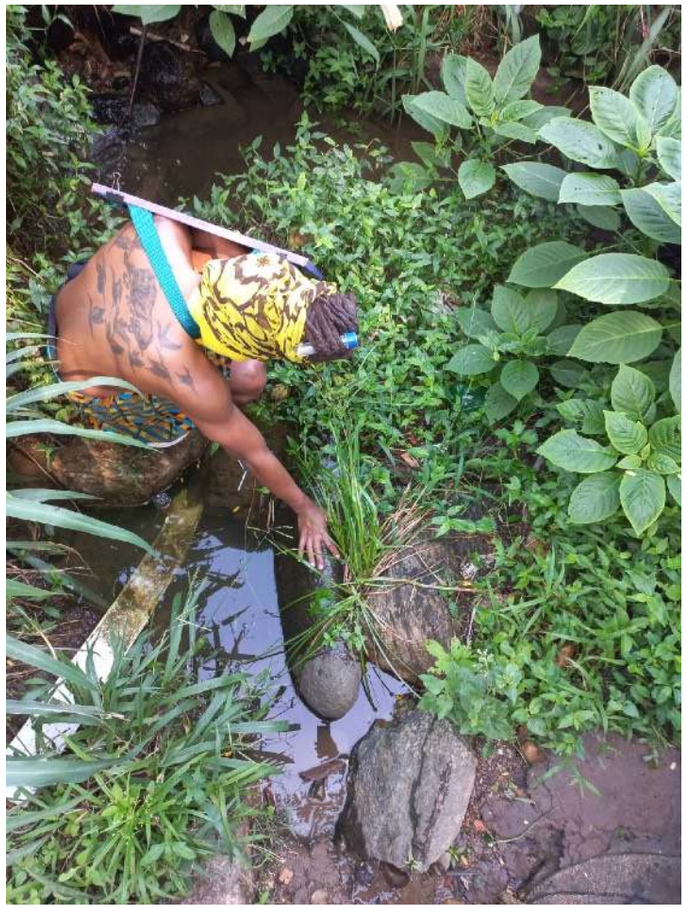
Foram coletadas amostras de água do rio e carregadas no Turbante/ Bulha, como modo de conexão física e ancestral da água com o ori. Ao final, a coleção de água foi exposta junto de um Lettering e um mapa indicando o percurso realizado e locais de coleta.

A obra denunciou a violência que o Rio sofre pela invisibilização resultante de obras higienistas do início do século, e pela poluição constante, que pode ser visível através do constraste da pureza da água nas amostra 1 a 4 coletadas junto das nascentes e a dureza da amostra 5 coletada na fóz do rio.

Por outro lado, denuncia também, a violência a que a população negra ainda é submetida, seja por ações policiais, ineficiência do estado na implantação de infraestrutura, ou pelas ações contemporâneas de espetacularização urbana que visam expulsar do centro as manifestações culturais e identitárias da negritude.









Autoras/es

Alef Vendramim

Alef Vendramim é nascido em Jaraguá do Sul (SC), com formação em arquitetura e atualmente pesquisa a relação do ambiente e a potencialização de uma cidadania efetiva, participativa e descentralizada pelo PósArq UFSC.

Ângela Carvalhaes Ferrari

Arquiteta curiosa a respeito das identidades culturais, trabalhando em várias cidades do país. Apaixonada por fotografia de viagem e a possibilidade de capturar os códigos de cada cultura. Compreende que a arquitetura e a fotografia são identidade cultural, ao mesmo tempo que expressão e registro de um grupo ou momento. No mestrado se re-apaixonei pela arquitetura de interiores e design de exposições que, por meio da fruição, tem o poder contar histórias e apresentar as diferenças culturais. O que a faz acreditar que é possível mostrar ao mundo as semelhanças entre os diferentes e que, com tolerância e respeito somos capazes de partilhar o mundo.

Aretha Rodrigues

Aretha Rodrigues é arquiteta e urbanista, criada na ilha de SC, apaixonada pela praia dos Açores e tainha na grelha. É interessada em Patrimônio Cultural e Conservação e Restauro e apaixonada pela história que a arquitetura pode contar na cidade e se envolve ativamente em questões ligadas ao direito à cidade e patrimônio cultural edificado, procurando por onde passa propor debates ligados ao urbanismo e ao campo do patrimônio histórico na cidade de Florianópolis. Respira a motivação de ser esse elo entre histórias reais rompidas na cidade e a construção imagética de sentimentos ilhéus que paira nas estruturas institucionais de preservação urbana. Com esse trabalho pode se aproximar mais daquilo que te encanta, que é o centro histórico da cidade que lhe acolheu quando criança.

Christian Cambruzzi da Silva

Graduado em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação interrompida em Artes Cênicas (UFSM). Pesquisa a força poética da corporeidade na Interação Humano-Computador (IHC). Na IHC, traz à tona a abordagem de Embodied Interaction. Na área de Design, seu interesse se concentra na fase de ideação e, em particular, métodos, técnicas e ferramentas de ideação fundamentados na condição de corporeidade. Investiga a adoção de princípios e práticas de disciplinas de outras áreas do conhecimento para o processo de design, como as artes da cena, dança, performance e práticas de percepção corporal.

Guilherme Costa

Manezinho da Ilha de SC, Arquiteto e Urbanista. Cursou a disciplina In(ter)venções urbanas: a arte e a arquitetura como construtoras de dissensos no PósARQ/UFSC onde entrou em contato com a potencialidade de ações artísticas no espaço urbano.

Indiara Pinto Brezolin

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Atitus Educação. Mestranda em arquitetura e urbanismo na área de Pesquisa e Tecnologia do Ambiente Construído, na linha de pesquisa do comportamento ambiental do espaço urbano e das edificações pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente trabalha na elaboração de um plano de mobilidade urbana sustentável.

Javiera Gaete

Javiera Gaete nasceu na cidade de Valparaiso, Chile. Graduada em Design pela Universidade de Valparaiso em 2020 e atua principalmente na área de Design e Cidade. Cursou estudos em Design na Universidade de São Paulo em 2018. Seus estudos articulam cidade, espaços públicos e mobiliário urbano com projetos que abordam temas de acessibilidade e design inclusivo. Tem experiencia na fotografia como ferramenta de estudo da cidade com ênfase na área de fotografia urbana, apontando para novas formas de ver e habitar a cidade. Atualmente cursa mestrado em Design pela Universidade Federal Santa Catarina.

Jéssica Caroline Rodrigues de Lima

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (2015). Mestre em arquitetura e urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas (2019). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade.

Rafael Campos

Performer, dançarino, arquiteto, pesquisador brasileiro, na vida profissional desloca-se entre os meios artísticos e acadêmicos. Arquiteto pela Universidade Estadual de Maringá (2007), Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015), atualmente é doutorando em arquitetura na mesma instituição, e integra o Grupo Quiasma de pesquisas interdisciplinares em Arquitetura, Corpo e Cidade. Foi professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina dentre outras universidades. No campo das artes atuou como dançarino no Fogança grupo parafolclórico universitário de danças folclóricas, fundou o grupo SambAdois dedicado a gafieira, participou do Coletivo Lundu de estudo e promoção do samba e Africatarina bloco de samba-reggae. Além de participar de exposições de arte e realizar performances, que ele chama de Apariações. Atualmente vive em Porto (Portugal) onde desenvolve sua prática artística de travessia, na qual problematiza as relações entre corpo negro e cidade. Adota uma afroperspectiva do pensamento decolonial, e acredita que o corpo e a cidade compartilham marcas entre si, portanto, parte das marcas da cidade no seu corpo negro queer para ler, criar e problematizar territórios negros como prática micropolítica de resistência antirracista.

Ruth Kipper Aguilar

Ruth Kipper Aguilar é brasileira, mulher e lésbica. Nasceu no interior do Rio Grande do Sul, num lugar distante do mar, embora sempre tenha sentido uma forte conexão com a água. Atualmente mora na cidade de Florianópolis, cercada pelo mar. É inquieta, impulsiva e curiosa. Tem interesse na cidade, nos ordinários que a constituem e que nela habitam, assim como, nos vestígios artísticos deixados por esses no espaço urbano. Busca, dentro de suas contradições e fragilidades, operar no dissenso. Aos poucos, está se dedicando ao experimental, as experiências e suas reverberações. Possui Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (UFSM), Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (UNISINOS) e é doutoranda no PósARQ – Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo (UFSC).

IN(TER)VENÇÕES
IN-CORPO-AÇÕES

Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

I61 In(ter)venções in-corpo-ações [recurso eletrônico] / Alef Vendramim ... [et al.] ; com as aparições de Rafael Campos ; organizado por Rodrigo Gonçalves. – Florianópolis : Arquitetura & Urbanismo/UFSC Publicações, 2023.
70 p. : fots.

E-book (PDF)
ISBN 978-85-99773-05-5

1. Arte e Arquitetura. 2. Corpo. 3. Cidade. I. Vendramim, Alef. II. Campos, Rafael. III. Gonçalves, Rodrigo.

CDU: 72

Elaborada pela bibliotecária Dênira Remedi – CRB-14/1396

Organização
Rodrigo Gonçalves

Autoras/es
Alef Vendramim
Ângela Carvalhaes Ferrari
Aretha Rodrigues
Christian Cambruzzi da Silva
Guilherme Costa
Indiara Pinto Brezolin
Javiera Gaete
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima
Rafael Campos
Ruth Kipper Aguilar

Créditos das imagens
Ângela Carvalhaes Ferrari [págs. 14, 15, 16, 17, 18, 45, 47, 48, 49, 50]
Bruno Alencar [págs. 27, 32 dir., 33]
Farid Abdalla [págs. 53, 54]
Javiera Gaete [págs. 37, 39, 40, 41, 42]
Pawel Borkowski [págs. 29, 30, 31, 32 esq., 34]
Priscila dos Anjos [pág. 58; 63; 64 dir.]
Rodrigo Gonçalves [págs. 9, 11, 12, 13.]
Ruth Kipper Aguilar [págs. 21, 23, 24, 25]
William Borges Thonsem [pág. 61; pág. 64 esq.]

Imagem da capa
Ângela Carvalhaes Ferrari

Imagem da contracapa
Montagem de Rodrigo Gonçalves

Projeto gráfico e diagramação
Rodrigo Gonçalves



Arquitetura & Urbanismo
UFSC Publicações

grupo quiasma

estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade

distribuição gratuita | proibida a venda